



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA**

**DIANA VASCONCELOS MOTTES**

**O ENSINO DA LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO**

**ABAETETUBA - PA**  
**2017**

**DIANA VASCONCELOS MOTTES**

**O ENSINO DA LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Adelina R. de Farias

**Abaetetuba – PA  
2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

M922e Mottes, Diana Vasconcelos.  
O ensino da literatura no livro didático / Diana Vasconcelos  
Mottes. — 2017.  
23 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Adelina Rodrigues de Farias  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Ensino . 2. Literatura. 3. Literatura Infantil . 4. Livro  
didático . 5. Escola pública. I. Título.

CDD 808.068

---

DIANA VASCONCELOS MOTTES

## O ENSINO DA LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Conceito: \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Maria Adelina Rodrigues de Farias – FACL/CAAB/UFPA. (Orientadora)

---

Prof. MsC. Rinaldo V. Lobato FACL/CAAB/UFPA (Examinador Interno)

---

Prof<sup>a</sup>. MsC Márcia Pinheiro – FACL/PARFOR/UFPA (Examinadora Externa)

**Abaetetuba – PA  
2017**

*À minha família, em especial à minha mãe M<sup>a</sup> Correa.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte de minha formação, especialmente a minha orientadora, Profa. Maria Adelina, que tornou possível a realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer a minha colega de turma Natália Seki e a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta construção.

Enfim, a todos os outros que acreditaram em mim e me apoiaram durante esses anos de estudo e dedicação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 - A LITERATURA COM BASE NA VISÃO DOS TEÓRICOS</b> .....	11
<b>2 - A LITERATURA DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO INFANTIL</b> .....	15
2.1 - O fragmento selecionado para o ensino de literatura.....	16
2.2 - A alteração do gênero no livro didático.....	17
2.3 - Os objetivos dos estudos do texto literário.....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	22

## RESUMO:

O presente trabalho busca fazer uma pesquisa qualitativa acerca do ensino da literatura no livro didático, visando mostrar como está sendo trabalhado o texto literário nos manuais didáticos e como esse ensino é desenvolvido na sala de aula pelos professores, com base na visão dos pressupostos teóricos selecionados para este trabalho. Advoga-se em favor de um ensino precoce da literatura, tendo em vista uma melhor apreensão de conceitos literários por parte de aprendentes de escola pública. Em um primeiro momento, serão apresentadas as teorias utilizadas e, na sequência a apresentação do *corpus que dará sustentação à pesquisa*, tendo como suporte teórico pensamentos de estudiosos que tratam desta temática. Tem-se a acrescentar que as investigações dessas práticas são necessárias, para compreendermos como se dão técnicas de ensino da literatura, uma vez que o suporte do professor é o livro didático. O intuito deste estudo é também contribuir com *a expansão das reflexões sobre o tema abordado para que a literatura seja incentivada na escola.*

**Palavras – Chave:** *Ensino. Literatura. Literatura Infantil. Livro didático. Escola Pública.*

## 1. Introdução

Na Idade Média, a Literatura foi utilizada como um veículo de comunicação de grande importância no meio social. Sabe-se que, naquela época, a repressão era grande e o povo silenciado pelo autoritarismo. Como nada podia ser falado às claras, o meio encontrado para expressar sentimentos, exaltação e protestos deu-se pela arte, dentre essas manifestações, destaca-se a literatura, utilizada também durante a Ditadura Militar no Brasil e em outros países do mundo.

Durante muitos anos, especificamente no século XIX, onde a maioria das pessoas era analfabeta e a leitura em voz alta, a Literatura era acessível somente aos indivíduos considerados intelectuais daquele período, felizmente hoje ela se encontra disponível a qualquer pessoa. O intrigante disso tudo é que este objeto de conhecimento está sendo posto de lado, poucos são os espaços reservados nas escolas para os textos literários, principalmente nas instituições públicas. No Ensino Fundamental I e II, ela aparece de forma muito tímida, ganhando notoriedade somente no Ensino Médio, isso porque ela se tornou uma das bases dos vestibulares e do ENEM com as leituras obrigatórias.

Devido a essa realidade, não é de se estranhar a dificuldade dos alunos em interpretar um poema ou qualquer outro texto, literário ou não. Dificuldade essa que deveria ser trabalhada desde as primeiras séries do Ensino Fundamental, passando pelo Ensino Médio e acabar se perpetuando na universidade e até fora dela. Segundo Viegas (2012), “O fortalecimento do ensino da literatura requer uma interseção entre os estudos literários acadêmicos e uma pedagogia crítica, o que passa necessariamente pela formação do professor.” (VIEGAS, 2012, p. 01).

Muito se tem discutido sobre o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Questões são levantadas, discutidas, mas percebe-se que a literatura ainda é um desafio tanto para os pesquisadores quanto para os professores. O Sistema educacional brasileiro adotou o livro didático (LD), para subsidiar professores no ambiente escolar, o mesmo deveria servir como norte para o educador, todavia, observa-se que muitos, se não a grande maioria dos professores, utilizam o LD como único recurso para desenvolver suas aulas.

O ensino da literatura no nível fundamental menor (I) é algo que reflete nas séries finais do fundamental (II) e no ensino médio. Evidenciamos tal acontecimento quando levamos em conta o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

(IDEB), que mede o nível de ensino da língua Portuguesa, além de que estes resultados são reafirmados nas notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Isso porque a Literatura é fundamental para que se compreenda não só o enunciado de um texto, mas também para entender a percepção e compreensão das relações existentes no mundo.

Sabemos que viver em sociedade exige reflexão cotidiana como um ato de conhecimento. Por que, então, as escolas não priorizam o ensino da literatura nos anos iniciais do fundamental? Porque os alunos possuem tanta aversão quando se fala em literatura? Será que as práticas escolares e o uso do livro didático oferecem meios alternativos e prazerosos para aproximar o aluno desse ensino? Nesse âmbito, é importante ressaltar que a escola possui papel fundamental na formação de pessoas com senso crítico. Porém, nem sempre as atividades propostas nos livros didáticos contribuem efetivamente para o desenvolvimento de diversas práticas de leitura e reflexão.

Dessa maneira, o presente estudo analisa um exemplar do livro didático de modo a diagnosticar se a literatura apresentada neste, colabora para a formação de pensadores; quais literaturas foram escolhidas para compor o livro; que metodologias são adotadas pelo professor para desenvolver a interpretação; se estas são contextualizadas com base na realidade do aluno de forma que incentive à leitura integral de determinada obra; quais atividades precisam ser complementadas e se há possibilidade de o professor agregar novas atividades ao que é sugerido nos exercícios; se há relações feitas com o cotidiano do aluno; se há a presença de analogias que permitam melhor entendimento do aluno; e se essas relações são estabelecidas com outras áreas do conhecimento. É de se esperar que o incentivo à formação de leitores críticos não seja só direito do aluno, mas um constante desafio para os professores.

Tendo em vista essa prioridade do livro didático durante as aulas e o seu uso diário é que se decidiu selecionar o exemplar da coleção 27798COL01 ano 2014 para esta análise, utilizado em uma escola pública da rede municipal do município de Moju-Pa. Trata-se do Livro “Ligados.com Língua Portuguesa”, de Angéla Prado e Cristina Hülle, exemplar correspondente ao 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, com o objetivo de verificar como está sendo trabalhada a literatura no livro didático.

## 1 – A literatura com base na visão dos teóricos

Neste tópico, traremos algumas concepções acerca do Ensino da literatura, especialmente a partir de questões levantadas por Ivanda Maria Martins Silva e Magda Soares, procurando dar consistência teórica à pesquisa. Discutiremos aqui, brevemente, considerações acerca da inadequada e errônea escolarização da literatura, o tratamento dado à literatura por meio do livro didático, o papel do professor como mediador na formação de leitores e a aquisição reflexiva do leitor.

Magda Soares (2003, p.21) abre as discussões considerando que “não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar ‘saber escolar’, se escolarize”.

Silva (2003) dialoga com o texto “A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil”, de Magda Soares ao reforçar que a leitura e a literatura sofrem um processo de escolarização de modo que as atividades e os exercícios escolares são trabalhados de forma isolada, propondo, dessa forma, que o aluno seja orientado na compreensão do papel estético da literatura, bem como de sua função social. Nesse sentido, aponta a leitura literária como uma possibilidade de ler o mundo.

Os Parâmetros Curriculares nacionais reforçam que

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. (PCNs LP, 1997, p.25).

Segundo Magda Soares (2013, p. 22), “o que se pode negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção”.

A literatura deve ser interessante aos olhos do leitor, pois, se não for interessante, o aluno possivelmente estudará o texto por obrigação caso seja conteúdo de prova. A partir dessas concepções, a leitura terá como objetivo o cumprimento de tarefas tornando-se puramente mecanizada, sendo trabalhada com finalidade delimitada a alguma estratégia de avaliação. Assim, “é preciso ler para

fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares.” (SILVA, 2003, p.516).

Já para Magda Soares (2003, p. 25), “a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. É nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais inadequada”.

Nesse contexto, é preciso que se desfaça o mito de que a criança não lê livros com letras miúdas, sem ilustração e que não gosta de descrições detalhadas. As crianças, mesmo as de pouca idade, são plenamente capazes de ler obras exigentes e de elevado número de páginas. Prova disso são o gosto pela **Saga Crepúsculo** e **Alice no País das Maravilhas**, obras extensas que conquistaram um grande público de pouca idade. Talvez subestimemos a capacidade leitora da criança, esperamos dela menos do que ela é capaz de dar.

Em acréscimo ao tema tratado, Pessi (2013, p.10) propõe “uma leitura das linhas, das entrelinhas e para além das linhas, pois o leitor e o autor são sujeitos ativos que dialogam no texto que é considerado o próprio lugar de interação”. Mas o educador deve ter em mente que a história não está no texto e sim na última palavra do leitor, ou seja, quem determina o futuro da obra é o leitor e não o autor, na medida em que “A literatura é uma das produções sociais onde o imaginário tem espaço de circulação garantido” (WALTY, 2003, p.57).

Silva (2003), em sua tese “*Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*”, traz à tona questões relacionadas a distinções entre a *leitura da literatura* e o *ensino da literatura*. Segundo a autora, a leitura da literatura está relacionada à compreensão do texto, à experiência literária vivenciada pelo leitor no ato da leitura, ao passo que o ensino da literatura configura-se como o estudo da obra literária, tendo em vista sua organização estética. A pesquisadora sustenta que tanto a leitura da literatura quanto o ensino da literatura deveriam estar presente no contexto escolar de modo articulado, pois são dois níveis dialogicamente relacionados.

Entrando no campo didático, Silva (2003) mostra que outro problema no espaço escolar diz respeito aos livros didáticos, ao apresentarem, por muitas vezes, a compreensão textual com base em esquemas de interpretação preestabelecidos, restringindo, dessa forma, a recepção do aluno-leitor, uma vez que não é dada a oportunidade de manifestar sua leitura.

Embora vários manuais didáticos produzidos contemporaneamente discutam a literatura à luz das contribuições da teoria e crítica literárias, muitos ainda revelam concepções estigmatizadas acerca da literatura. Em alguns livros didáticos, por exemplo, observam-se exercícios que exploram a leitura de textos literários com o predomínio de perguntas que requerem apenas uma leitura superficial, ou seja, o leitor não é estimulado a inferir, preencher as entrelinhas e reconstruir as pistas textuais até atingir um nível maior de criticidade no ato de ler. Nesse sentido, o leitor não consegue desenvolver uma compreensão mais ampla do texto literário, pois o papel dinâmico do receptor é subestimado, sufocado pela leitura imposta pelos roteiros de interpretação dos livros didáticos. (SILVA, 2003, p.516).

O que se percebe na leitura dos textos literários é a ideologia de que a leitura literária é difícil e inacessível, subestimando, dessa forma, a capacidade interpretativa do leitor. Os livros didáticos mostram bem essa visão quando trazem textos de forma recortada para facilitar o contato do aluno com a obra e roteiros prontos de interpretação, com leituras de clássicos adaptadas. Com isso, as dificuldades de leituras tornam-se intensas, pois os alunos não são adequadamente preparados para lidar com obras que exijam mais do seu conhecimento nas séries seguintes.

Em meio a esse contexto, não podemos nos esquecer de uma peça não menos importante nesse processo de ensino, o professor, pois é ele quem adotará as metodologias adequadas para aplicar o conteúdo. Nesse sentido, “o professor deve colaborar com os alunos, visando à construção/reconstrução de interpretações e não simplesmente apresentando leituras já prontas”. (SILVA,2003,p.520).

Segundo Souza (2014, p.13), “muitos professores trabalham no nível da paráfrase, ainda apegados totalmente ao livro didático, ou seja, apenas trabalham com o ensino reprodutor de sentidos, como se o sentido do texto estivesse pronto e dado por seu autor, e cabe ao aluno apenas descobri-lo”. Para esse impasse, Mayorca (2013, p. 13) sugere que “O professor deve mostrar ao seu aluno que, através de uma linguagem transfigurada, o autor constrói um mundo possível, baseado no mundo real interiorizado por ele”.

A fim de contribuir com a problemática, Peruzzo (2011) aponta que o educador deve recorrer a estratégias para promover uma aprendizagem que relacione a situação real vivida pelo educando com o conteúdo trabalhado na sala de aula, com isso, a leitura e a escrita que antes não fazia sentido algum, passa a ter significado.

A literatura infantil desemboca o exercício da compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos, pois, com o passar do tempo, as crianças sentem a necessidade de variar os temas de leitura, uma vez que a leitura é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos. (PERUZZO,2011, p. 96).

O aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético da literatura bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta com o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. (SILVA, 2003, p.517).

Como exemplos de literatura que traz esse diálogo com a realidade de que Silva menciona é o Sítio do Picapau Amarelo de Monteiro Lobato

O sítio significando cada vez mais o mundo como Lobato gostaria que fosse [...] Dona Benta (dona do sítio) está sempre atenta ao que se passa no mundo, possui cultura invejável e não se escandaliza com a tecnologia, embora renegue as consequências desta que considera nefasta. O poço do Visconde, que se converte no libelo mais explícito em prol de aproveitamento, em escala industrial, dos recursos minerais, particularmente os petrolíferos, do país. Outro exemplo é o Martim-Cererê ou Cobra Norato e Macunaíma – procuram situar a modernização no campo sem que este deixe de ser rural ou selvagem ou primitivo. O resíduo de brasilidade deve ser preservado, mas em consonância com o mundo moderno, que é inevitavelmente internacionalista, quer e deseje ou não”. (LAJOLO, 1991, p.57).

O pensamento de Silva, de modo geral, coincide com a proposta de leitura literária dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, trata-los como expediente para servir ao ensino de boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Posto de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores, capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCNs LP, 1997, p.30).

A literatura informa e forma o leitor para lidar com as questões da sociedade, ligada ao mundo mostra comportamentos sociais, trazendo consigo uma carga de responsabilidade ética e moral que nos incomoda e nos faz pensar.

As histórias da literatura infantil estão permeadas de metamorfoses demonstrando a mudança que ocorre no mundo. Do mesmo modo a mudança da fase da criança para a juventude não deixa de ser uma metamorfose assim como ocorre nos contos.

Dito isso, a literatura contribui de forma significativa na formação de leitores capazes de refletir o meio em que vivem. Além de desenvolver seu senso crítico, tornando-os mais atentos ao que leem, e ajudando o leitor no processo do amadurecimento cognitivo.

Essas são algumas concepções produzidas por especialistas do campo da literatura, na busca de alternativas para uma escolarização da literatura adequada, no sentido de aumentar a reflexão sobre o tratamento inadequado do ensino da literatura que ainda se dar nos dias hoje.

## **2 - A literatura do livro didático no ensino infantil**

Antes de adentrar no ambiente de ensino da literatura infantil, precisamos entender primeiramente o conceito de *Literatura*. Muitas são as perguntas acerca desse tema, já que definir literatura não é uma tarefa fácil, tantas e tão diferentes são as respostas, não seria inteligente eleger um pensamento e descartar todos os outros, visto que a literatura possui suas peculiaridades. Como afirma Lajolo (1994, p.25), “Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social tem suas respostas, sua definição para literatura”.

Sabemos que a leitura e os estudos da literatura caminham juntos no processo de escolarização. Daí a constante avaliação, em que o aluno terá que demonstrar e comprovar seu conhecimento sejam em seminários, em provas ou a partir de outros meios de avaliação. Nesse processo de escolarização, a maioria dos professores toma como único suporte pedagógico o livro didático, no qual, muitas vezes, a literatura é apresentada de forma fragmentada, dificultando para a criança a aquisição de conhecimentos.

Conforme Silva (2003 apud KLEIMAN e MORAES, 1999, p.66), “o livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto”.

Para melhor compreendermos como está sendo trabalhada a literatura na sala de aula, serão considerados três aspectos da leitura de textos literários: o fragmento selecionado para o ensino de literatura; a alteração do gênero no livro didático; e os objetivos dos estudos do texto literário.

Para discutir cada um desses aspectos, tomaremos o exemplo do livro didático do 5º ano fundamental, com o objetivo de demonstrar como está sendo trabalhado o ensino da literatura na instância da leitura e estudos de textos.

## 2.1 - O fragmento selecionado para o ensino de literatura

No livro didático, dentre os gêneros literários, percebe-se nítida a presença do teatro, crônicas, memórias, narrativas e da literatura de cordel. O poema, a biografia, o diário, o mito, assim como as fábulas estão quase totalmente ausentes.

O fragmento apresentado no livro em foco é da história de ficção “A tempestade”, de Júlio Verne de “A Viagem ao Centro da Terra”.

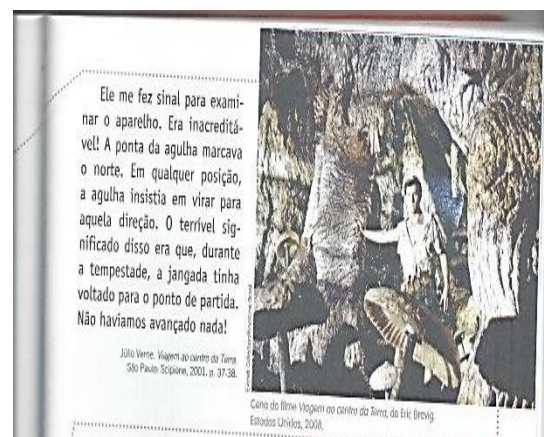
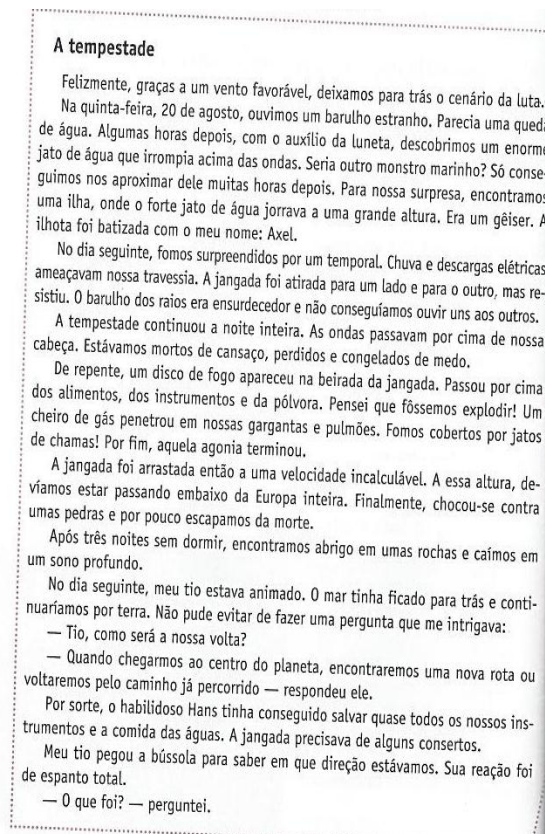


Imagem: Emerson de Lima

Como se observa, o trecho é apenas parte da história sem início e fim, apresentando somente a exposição de alguns acontecimentos. O fragmento apresentado pressupõe que, na história, houve uma batalha travada anteriormente, como podemos constatar no início da narrativa “Felizmente, graças a um evento favorável, deixamos para trás o cenário da luta”, em meio a um trecho fragmentado

como esse o aluno pode se perguntar, que luta foi essa? Como e onde aconteceu? O que aconteceu com os personagens ou quem são os personagens, pois em nenhum momento o texto deixa claro isso? Sem respostas, o aluno terá que se conformar com a falta de sentido deste objeto de estudo, constituindo, dessa forma, um conceito inadequado de texto.

## 2.2 - A alteração do gênero no livro didático

No processo de escolarização, ao ser transportado a literatura infantil para o livro didático, ela tende a perder aspectos próprios da narrativa. Outra forma de distorção é a alteração do gênero do texto: fábulas são transformadas em teatro, um exemplo é a fábula de Esopo “Os dois viajantes e a onça”. Na adaptação, palavras e expressões foram eliminadas, tirando, com isso, a emoção e a essência desse tipo de narrativa.

LITERATURA INFANTIL

**Os dois viajantes e a onça**

**Personagens:** Viajante 1, Viajante 2, Onça

**Cenário:** uma estrada na floresta

*Dois viajantes, carregando pequenas trouxas amarradas em uma vareta, seguem por uma estrada, assoviando e cantando. De repente, surge uma onça à frente deles, rugindo e prestes a atacá-los.*

**Viajante 1** E agora ? O que vamos fazer ?

**Viajante 2** Você, eu não sei. Mas eu ... vou é dar no pé

*Viajante 2 sai correndo e se esconde atrás de uma árvore.*

**Viajante 1** (pensando alto)

Vou fingir de morto. Dizem que alguns animais respeitam os mortos.

*Joga-se ao chão e finge-se de morto. A onça chega perto, fareja-o todo e afasta-se. Depois de alguns instantes, sentindo-se em segurança, o Viajante 2 reaparece.*

**Viajante 2** Pode se levantar a onça já foi embora.

*Viajante 1 levanta-se e respira aliviado. Viajante 2 brinca com ele.*


E então o que foi que a onça disse ao seu ouvido hein ?

**Viajante 1** (juntando suas coisas para seguir viagem)

Pra eu não viajar mais com amigos que deixam a gente sozinho na hora do perigo (para a plateia)

É na hora do aperto que a gente conhece o verdadeiro amigo

*Cai o pano. Fim.*



Elly Selen

José Carlos Aragão. Quando os bichos fazem cena. Fábulas de Esopo adaptadas para teatro. São Paulo: Planeta, 2012. p. 10-11.

Imagem: Emerson de Lima

### 2.3 - Os objetivos dos estudos do texto literário

“Infância” de Carlos Drummond de Andrade é o único poema trabalhado no livro ora analisado, e o tratamento dado a ele é apenas para mostrar relatos de vida, sentimentos e lembranças.

O poema aparece de forma fragmentada, como se a história não tivesse início nem fim, o que compromete o entendimento do aluno, que não saberá fazer inferências, tampouco comparações de uma história com a outra ou de conhecimento de mundo, se não souber quem era Drummond e quem era Robson Crusóe; terá extrema dificuldade em proceder à interpretação do texto. Vejamos o exemplo:

**Outras formas de relato**

Relatos de histórias de vida, sentimentos e lembranças também aparecem em forma de poema.

Leia a seguir um poema de Carlos Drummond de Andrade em que ele conta fatos de sua infância. Principais poetas brasileiros. Propõe uma leitura silenciosa para que descubramos o sentido entre o poema e seu título. Em seguida, fazer uma leitura compartilhada e discutir o conteúdo do texto.

**Infância**

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóe,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada  
cosendo olhando para mim:  
— Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóe.

Carlos Drummond de Andrade.  
Disponível em: <http://drummond.memoriaviva.com.br/>  
algumas-possibilidades/>.  
Acesso em: março de 2014.

**Campear:** percorrer o campo a cavalo em busca do gado.  
**Coser:** costurar.  
**Senzala:** alojamento destruído aos escravos nas fazendas e nos engenhos no período do Brasil colonial e imperial.

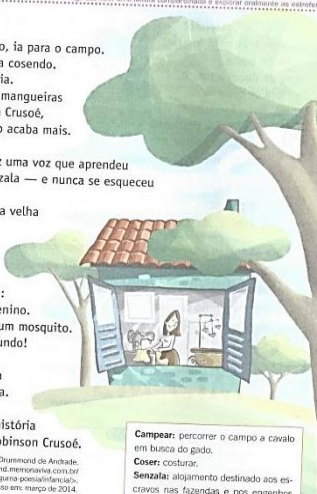


Imagem: Emerson de Lima

Verifica-se aqui o inadequado tratamento do texto literário no processo de escolarização da literatura na infância. O poema é utilizado somente para uma finalidade: a de trabalhar memórias e lembranças. Tratando o poema com um só olhar, o autor empobrece a obra e restringe o pensamento da criança, levando-a a pensar que só existe uma leitura e que são poucos os exemplos de textos literários que pode ter acesso, quando, na verdade, existem inúmeras e diversificadas literaturas, tanto em prosa quanto em verso, que poderiam enriquecer seu conhecimento.

Outra forma equivocada de ensinar literatura está nítida em “Mulher dengosa em cordel”. Como podemos averiguar, além de o cordel não estar na íntegra, o texto não faz o aluno pensar. O cordel conta a história de uma mulher que era dengosa e gulosa. De interessante e atraente a história não tem nada, além disso, as questões que seguem para ser respondidas não estimulam em nada a criatividade da criança. Na maioria das vezes, as leituras propostas aos alunos seguem exercícios de compreensão e interpretação do texto. Em geral, os exercícios propostos sobre literatura infantil centram-se somente no conteúdo, com mera localização de informações para copiá-las, deixando de interpretar o que está nas entrelinhas, ou seja, a subjetividade do poema.

**Mulher dengosa em cordel**

Explorar os alunos a reconstituir hipóteses. Dengosa pode se referir a criança que faz birra ou a uma pessoa que se mostra fútil para ser propalada ou para seduzir alguém, portanto todos aqueles que não se encaixam nestas definições.

Você sabe o significado da palavra **dengoso**? Como se comporta uma pessoa dengosa?

Finja a primeira leitura e se for possível, repeti-la. Os alunos devem perceber o ritmo, as rimas e a musicalidade do texto. Pergunte-lhes se eles já conheciam a história da mulher dengosa.

Você vai ler um cordel sobre uma mulher dengosa. O que será que essa mulher fez? Leia e descubra.

**A história da mulher dengosa**

[...]  
 Vou contar uma história  
 Da mulher muito dengosa  
 Que comia sem parar  
 Porque era uma gulosa.  
 Paladar era aquecido  
 Mas na frente do marido  
 Era muito mentirosa.

Pois somente ela comia  
 Quando ele não estava.  
 Bolos, tortas e pudins  
 De comer tudo, gostava.  
 Mastigava pra valer  
 Mas dizia não saber  
 O porquê ela engordava.

E dizia: — *Estou sem fome  
 Eu não quero almoçar!*  
 — *Mas, mulher, alguma coisa  
 Você tem que mastigar.*  
 — *Não, não, não, ela insistia  
 E esse nó se repetia*




Imagem: Emerson de Lima

**Desvendando o cordel**

Responda às questões no caderno.

- Converse com um colega para responder a esta questão: por que a mulher da história é chamada de **dengosa**?
- Releia a primeira estrofe. Que outros adjetivos são usados para qualificar a mulher dengosa?
- A mulher tinha o “paladar aquecido”. O que isso significa?
- O marido estava desconfiado das desculpas que a mulher dava para não comer. O que ele fez para descobrir a verdade?
- A mulher estranhou que o marido não estivesse molhado ao voltar para casa, pois estava chovendo. Ao explicar a ela o motivo pelo qual não estava molhado, o que ele revelou?
- Por que, a partir daquele dia, a mulher viveu gorda e bem feliz?
- Como se pode identificar os versos que correspondem às falas do marido e da mulher?
- Observe a estrutura desse cordel. Escreva o número de estrofes, quantos versos há em cada estrofe e em que versos ocorrem as rimas.



Outro exemplo errôneo é o exercício referente ao poema “Infância” de Carlos Drummond de Andrade.

Na atividade proposta, não se pede ao aluno nada mais do que localizar informações que estão preestabelecidas no texto e copiá-las como podemos constatar na primeira e na terceira questão, tornando o texto mero pretexto para aprendizagem gramatical como na segunda atividade que é trabalhada a colocação do adjetivo e do substantivo, sem se preocupar com a função do texto, é preciso explicar ao aluno qual a função social do texto, para que este passe a ter sentido para a criança.

A quarta questão faz o seguinte questionamento “Por que o poeta considera a sua própria história mais bonita que a de Robson Crusóé”? Pois bem, se o aluno não souber a história de Robson Crusóé provavelmente não conseguirá responder a atividade. Para uma melhor compreensão, o professor deverá relacionar o poema com a realidade do aluno, para que este faça inferências da sua vida cotidiana com o texto.

Responda às questões no caderno.

1. Sim, no campo, em uma fazenda.

1. Ao ler o poema, é possível saber onde o narrador passou a infância? **ORAL**

a) Explique em um breve parágrafo a referência ao campo no início do poema se for possível a conexão com o contexto.

a) Que elementos do poema você analisou para chegar à resposta?

b) O que caracteriza o poema como um relato pessoal?  
Ele é narrado em 2ª pessoa e conta passagens da vida do narrador.

2. Observe estes versos.

Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No primeiro verso, que efeito provoca no leitor a colocação do adjetivo **sozinho** antes do substantivo **menino**? Converse com um colega e responda no caderno.  
Resposta pessoal. A anteposição do adjetivo, nesse contexto, enfatiza o sentimento de solidão do menino: o pai saiu para trabalhar e a mãe morreu de fome.

3. Leia agora estes outros versos.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu  
chamava para o café.

O que significa dizer que a pessoa que chamava para o café (a preta velha) aprendeu a ninar nos longes da senzala? Copie a alternativa adequada.

a) Ela viveu há muito tempo em uma senzala, na época da escravidão. x

b) Ela aprendeu a ninar em uma senzala distante da fazenda.

4. Por que o poeta considera a sua própria história mais bonita que a de Robinson Crusóé? Converse com os colegas e o professor.  
Resposta pessoal. É importante lembrar que o poeta escreveu esse poema em um livro durante 29 anos. Leia-o e relacione as lembranças contadas pelo poeta com a história de Robinson Crusóé. Os alunos podem imaginar diferentes respostas.

5. Você conhece outros relatos pessoais contados de forma diferente?  
Resposta pessoal. Cite-os e diga se alguns poderiam ser contados em forma de poema, de diário, de texto teatral, de filme, de caricatura.




Imagem: Emerson de Lima

Segundo os Parâmetros Curriculares nacionais (1997), os textos literários não devem ser tratados como expediente para servir ao ensino dos deveres do cidadão. Um equívoco desse é presenciado neste livro didático, como podemos comprovar na ilustração a seguir.

**QUAL É A PEGADA?**  
**economia de água**

Fazer a leitura do cordel e chamar a atenção para a quantidade de versos nos estrofes e observar as rimas: 1, 4 e 5º versos; 6, 7 e 10º versos; 8 e 9º versos.

O cordel também trata de temas atuais que nos levam a pensar sobre um modo de vida mais sustentável, à medida que vamos nos conscientizando da importância de nossas atitudes.

Leia este cordel, que trata de um desses temas.

Na literatura de cordel há diferentes modalidades de versos. Na modalidade galope à beira-mar, os versos têm oito sílabas e o último verso deve terminar com a expressão "Desperdício de água" "beira-mar" ou "beira do mar".

**Desperdício de água**  
*Modalidade: galope à beira-mar*

Agora eu falo de um tema atual  
E trago um cordel do meio ambiente  
Fazendo um apelo pra toda minha gente  
Que a falta de água nos faz tanto mal.  
Cuidar desse bem é primordial  
E nem uma gota vou desperdiçar  
Pra que nossa paz vá multiplicar  
E nossa miséria vá diminuir  
Findar a tristeza e o mundo sorrir  
Nos dez de galope da beira do mar.

1. c) O ambiente é formado por água e o ser humano precisa de água para viver, por isso é importante preservar o ambiente e economizar água. Dessa forma se preserva a vida e o ambiente.  
Dependa-se nuances no caderno.

Se for lavar o carro não uso a mangueira  
Eu lavo com balde sem ter desperdício  
Porque vale a pena o meu sacrifício.  
Escovo os meus dentes fechando a torneira.  
O óleo na pia é grande a besteira  
Porque muita água vai contaminar  
Por isso eu não posso só desperdiçar  
Que a terra já sofre e a gente entristece  
Com água perdida a gente não cresce  
E a Terra sofrendo não pode ficar.

O tempo do lixo para decompor:  
Que são cinco anos um simples chiclete  
Que são mais de cem a garrafa pet  
Papel são seis meses e o computador  
É indefinido igual ao isopor  
Lotando os aterros pra terra chorar  
Porém tudo isso eu quero mudar  
Ensino pra todos o que é reciclagem  
E mando pro mundo a minha mensagem  
Fazendo minha parte pra vida brotar.

Luiz Marinho

César Ottoni. Desafios de cordel. São Paulo: FTD, 2009. p. 34-35.

Imagem: Emerson de Lima

Tudo o que foi exposto, comprova a afirmação feita inicialmente pelos teóricos. O ensino literário nos modelares é inadequado porque fragmenta o texto. As atividades propostas não despertam o senso crítico ou a curiosidade do aluno; de forma silenciosa é inserido no meio dos exercícios questões de gramática; limita a diversidade de gêneros e, sobretudo, pouco contribui para a formação dos alunos.

Como sugestão para metodologias que podem ser úteis às práticas docentes, Dalvi (UFES 2013 apud MARTINS, 2006) propõe: reavaliar os enfoques teóricos que orientam o trabalho com literatura em sala de aula; evitar centrar o trabalho com literatura em fragmentos ou em textos descontextualizados de sua situação de produção; dissociar a leitura do texto literário de análises gramaticais, estilísticas etc.; promover fóruns de debates entrevista com autores etc., visando a dar/evidenciar corpo e voz aos produtores e leitores de literatura; considerar a diversidade de textos pertencentes a gêneros e épocas diferentes.

## Considerações finais

Com base nos pressupostos e no exemplo do livro didático, podemos constatar que o ensino dos textos literários acontece de forma inadequada na escola

pública campo de pesquisa. Percebe-se que, em pleno século XXI, as escolas ainda estão ensinando para o passado. A leitura deve corresponder aos anseios do leitor e a literatura é interessante, justamente porque coloca o leitor como personagem, dando voz a ele. Precisamos parar com a ideia, o que o autor quer dizer com o texto ou o que o professor quer do texto, quem determina o futuro da obra é o leitor e não o autor.

O contato com textos recheados de fantasia faz-nos perceber o quanto é importante e cheia de responsabilidade é toda forma de literatura, ela toca na ética e na moral de forma forte. A literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar hábito de leitura, a criança deve sentir prazer ao ler um livro e não simplesmente ler porque é obrigada. Nesse processo de escolarização da literatura, percebe-se justamente essa leitura forjada sempre com o intuito de algum tipo de avaliação. Comisso, a criança se sente pressionada e acaba adquirindo aversão à leitura.

No geral, podemos afirmar que os textos são trabalhados de forma errônea. A escola, muitas vezes, acaba limitando a criança, na medida em que dar ao leitor apenas uma forma de interpretação, uma única leitura, quando, na verdade, um mesmo texto pode ser compreendido de maneiras diferentes por conhecimentos prévios diferentes, ou seja, podem ser construídos vários sentidos para um só texto.

O professor na sala de aula deve ser um mediador, auxiliando o aluno sem deixar de considerar as intencões, as opiniões e os traços que valorizam a arte literária; o livro didático é apenas um instrumento de apoio ao trabalho docente e não o único e exclusivo material a serem trabalhados na sala de aula, as crianças precisam ter contado com outras leituras que alimente sua fantasia, imaginação que as façam refletir e pensar.

## **Referências**

DALVI, M.A. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. Disponível em: <[www.periodicos.ufes.edu.br/educacao](http://www.periodicos.ufes.edu.br/educacao)>. Acesso em 23 de fev de 2017.

EVANGELSTA, Aracy Alves Martins et alii. A escolarização da leitura literária – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. 16. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil Brasileira – história e história. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1991.

MAYORCA, J.P. Letramento e ensino de literatura. Disponível em: <[www.revistatrias.pro.br](http://www.revistatrias.pro.br)> Acesso em 05 de out de 2016.

MEC/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Ensino de primeira à quarta série. Brasília. 1997.

PERUZZO, Adreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. Disponível em: [www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br) Acesso em 23 de fev 2017.

SILVA, I.M.M. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. Disponível em: <[www.pgletras.com.br](http://www.pgletras.com.br)> Acesso em 23 de fev de 2017.

SOUZA, D.F. O processo de leitura e interpretação nas aulas de língua portuguesa à luz da análise do discurso. Disponível em: <[www.revistauox.paginas.ufsc.br](http://www.revistauox.paginas.ufsc.br)> Acesso 04 de out de 2016.

VIEGAS, A.C.C. Considerações sobre o lugar do ensino de literatura na educação básica. Disponível em <[www.ileel.ufu.br](http://www.ileel.ufu.br)> Acesso em 11 de março de 2017.